

APRESENTAÇÃO

O presente livro resulta de um projeto de investigação colaborativa, realizado no período de abril de 2012 a abril de 2014, designado *Prospecção de Modelos Tecnoassistenciais na Atenção Básica*. O projeto foi uma parceria com o Departamento de Atenção Básica, do Ministério da Saúde, e concretizado por um protocolo de pesquisa colaborativa interinstitucional de Educação em Saúde Coletiva, firmado entre 07 (sete) instituições brasileiras de ensino, desenvolvimento tecnológico e pesquisa, sob a coordenação do Núcleo de Educação, Avaliação e Produção Pedagógica em Saúde – EducaSaúde, constituído na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Da rede de investigadores em colaboração participaram a Fundação Estatal Saúde da Família da Bahia (FESF-SUS/BA); o Instituto Leônidas e Maria Deane, da Fundação Oswaldo Cruz em Manaus (ILMD/Fiocruz); a Universidade de Brasília (UnB); a Universidade do Estado do Amazonas (UEA); a Universidade Estadual de Campinas (Unicamp) e a Universidade Federal Fluminense (UFF), além da UFRGS. Estavam envolvidas instituições das cidades de Salvador, Manaus, Brasília, Campinas e Niterói, além de Porto Alegre; os estados da Bahia, do Amazonas, de São Paulo, do Rio de Janeiro e do Rio Grande do Sul, além do Distrito Federal; presentes, portanto, as 05 (cinco) regiões do país.

A coordenação nacional esteve a cargo de docente e recém-mestres da UFRGS. Além desta, foram configuradas 5 (cinco) Coordenações Regionais: Centro-Oeste, Sudeste, Nordeste, Norte e Sul. A Coordenação Nacional foi composta por Ricardo Burg Ceccim, docente UFRGS, Juliano André Kreutz, Laura Anelise Faccio Wottrich e Jaqueline Dinorá Paiva de Campos, recém-mestres da UFRGS; a Coordenação Regional Centro-Oeste por Elizabeth Queiroz, Clélia Maria de Sousa Ferreira Parreira e Antonia de Jesus Angulo-Tuesta, docentes UnB; a Coordenação Regional Sudeste por Gustavo Tenório Cunha, docente Unicamp e Carmen Siqueira Ribeiro dos Santos, doutoranda Unicamp, por São Paulo, e por Túlio Batista Franco, docente UFF, e Luiz Carlos Hubner Moreira, doutorando UFF, pelo Rio de Janeiro; a Coordenação Nordeste por Aline Lima Xavier, pesquisadora mestranda FESF-SUS/BA; a Coordenação Norte por Júlio Cesar Schweickardt e Rodrigo Tobias de Sousa Lima, respectivamente pesquisador doutor e pesquisador doutorando do ILMD/Fiocruz, e a Coordenação Sul por Fernanda Steffen Culau e Lucenira Luciane Kessler, respectivamente recém-mestre e doutoranda da UFRGS.

A “prospecção” veio da busca de contato com múltiplas experiências de fazer a Atenção Básica e da colocação de diversos interlocutores dessas experiências em rede de conversas. Não havia a menor intenção de localizar “boas práticas”, mas “distintas práticas”, nenhuma intenção de, ao final, tecer recomendações transversais ou resultantes de análise sistemáticas. Ao final, interessava comemorar a multiplicidade, a pluralidade, a diversidade. Uma boa pista era encontrar tensões, paradoxos e potências em prática. Talvez evidenciar outros/novos itinerários assistenciais, percursos pedagógicos locais (círculos), o repensar constante, a atualização permanente em Atenção Básica (redes). Captar perguntas e possibilidades que envolvessem a política e seus atores estratégicos, tomados por seu

valor protagonista de realidades (intensidades). O projeto, portanto, tinha o intuito de dar visibilidade às ações em saúde que estão em curso nos territórios multifacetados e multirreferenciados de nossas equipes, nossas cidades, nossas geografias, nossas culturas, e apresentá-las como potência, a fim de reconhecer *políticas do fazer*, a partir dos próprios protagonistas que vivenciam as realidades. O seu desenrolar circulou entre a educação, a pesquisa, a intervenção e o desenvolvimento tecnológico, “prospecção” de conhecimentos, saberes e estratégias (aprendizados).

O projeto reúne “histórias pra contar”, as quais designamos “caldos de cultura”, uma vez que em bom alimento de conversa poderiam proliferar em ramos e ramificações, até mesmo contaminar e contagiar. Nas cinco regiões brasileiras “rodas locais”, a que designamos “círculos educossanitários”, e sua articulação em “redes de conversação”. Devido ao modo de exposição aos outros, cada seminário de pesquisa funcionava como rodas de dobradiça (desafios e desconforto de saberes *educossanitários*). As conversas de rede eram marcadas pela concentração nas práticas (produções do trabalho vivo dos cotidianos), circulação da palavra e “função analítica” (“roda de dobradiça” com frequências e dinâmicas criadas pelos participantes), configurando aprendizados por intensidade, provenientes de “caldos de cultura”.

Compartilhamos saberes e atividades de experiência que relacionavam unidades básicas fluviais ou “consultórios na água”; consultórios na rua ou “equipes nômades na cidade”; apoio institucional e matricial, autogeridos pelos trabalhadores ou confrontando os modos de fazer a gestão; medicalização da infância e palhaçarias; intervenções de estudantes nas redes de atenção e de gestão; gestão do trabalho intermunicipal, inter-redes e intergestores; regionalização com geografias líquidas; outros processos

de cuidado nos territórios. Afirmou-se a fruição nas trocas e na produção de inteligências coletivas. Apostou-se que a produção de conhecimento em saúde pode se dar por outros caminhos, para além do que tradicionalmente é legitimado como o conhecimento científico (muitas vezes mascarando inúmeras prescrições que cobrem a experiência). Inventou-se um modo de operar que se deu pela participação de pesquisadores das cinco regiões brasileiras, vinculados a instituições federais, estaduais e municipais, atores de diferentes cenários da saúde pública, com estudantes, profissionais, gestores, pesquisadores e agentes da cultura local.

Como parte do processo/produto, produziu-se o seminário “Jornada de Intensidades: in-formes da atenção básica em saúde, prospecção de devires”, promovido pelo Núcleo de Educação, Avaliação e Produção Pedagógica em Saúde – EducaSaúde, no final de 2013, em Porto Alegre. “In-formes”: informação para destituir a forma e enunciar saberes, nada de esclarecer ou ilustrar a boa ou a melhor forma. “Intensidades”: jornada de conhecimentos intensivos, não conhecimentos lógicos ou morais, intensidades que desafiassem a lógica e a moral. “Prospecção dos devires”: das imanências, do que brota do chão, do que se destaca dos encontros, do que se desprende das rodas, redes e corpos de afeto. O evento propôs a experimentação da metodologia utilizada no projeto, compondo-se com oficinas, desenvolvidas cada uma por cada caldo de cultura (círculos), por sessões transversais com debatedores convidados (rodas de dobradiça) e momentos plenários, livres ou pontuados por falas livres ou transversais, trazendo os marcadores “Trabalho e Território” e “Apoio e Formação” na Atenção Básica, que emergiram nos encontros nacionais (os “prospectos” da rede).

O produto em livro foi organizado em 02 (dois) volumes distintos, um com os aprendizados (extrações dos círculos e redes), outro com a pesquisa-formação (caldos de cultura). Entende-se que cada narrativa destinada a outro produz outros olhares sobre as histórias, histórias de outros olhares, olhares outros de outras histórias sobre as histórias, uma mistura de olhos estrangeiros e produção de estrangeirismos na sua história, simplesmente porque se quer a troca, a mescla, a novidade, a invenção, a recriação, mas não se quer a regra, a forma, a prescrição, a imposição, o modelo a ser replicado, copiado, difundido. Quer-se a dobra, a rede, a conversa, a cultura que se contamina e contagia, que cria novas passagens, novos pontos e outros nós a partir da abertura aos signos, do deixar-se imprimir pelos signos que não relacionam significado-significante, abrem-se a invenção, produção e composição de sentidos.

O presente volume se refere ao *livro dos aprendizados*, livro 1. É o livro da dobra, da conversa com o fora, seus textos vieram das Rodas de Dobradiça, conversas em tecedura com os caldos de cultura, não os relatos locais, as narrativas locoregionais. Trata-se do crochê das realidades de serviço e gestão em atenção básica com a academia. Arte têxtil do pensamento com a ação, da ação com o pensamento. Não uma tela de pintura em branco, mas a combinação de linhas de pensamento e cores de sensação em enlaçamentos originais. Cada “círculo de cultura” perde sua cultura original e pode entretecer variações, novidade. Do “círculo de cultura” (freireano) ao “caldo de cultura” (educossanitário). O enlaçamento promovido em um momento particular de encontro, permissão à variedade, oportunidade de entretecer cores e linhas. Na tecedura, a possibilidade de fazer escolhas, posicionar-se de forma estética quanto à ético-política da atenção básica em prospecção. Na tecedura, a liberdade de criação, desenvolvimento de

novas percepções, interação com o estranho, movimentos coletivos, estampas com *mix* de referências. Neste livro o componente de futuro, não o “turbilhão de informações que somos obrigados a processar todos os dias”, mas o jogo de linhas e cores, “in-formes para melhor compreender nosso cotidiano”. Prender uma linha de pensamento aqui, outra ali, essa cor, aquela cor, puxar, tecer, *crochetar*. Trabalho feito à mão, permuta de pensamento e de cores: trançado, malha. Aprendizado de intensidades por círculos em rede.

Ricardo Burg Ceccim